


Resenha

Una Corsa All'avventura: o percurso intelectual de Gianfranco Contini

Raphael Salomão Khede 

Resenha de:

CONTINI, Gianfranco. *Una corsa all'avventura: Saggi scelti* (1932-1989). Organização de Uberto Motta. Roma: Carocci, 2023.

Silvio Renato Jorge
Editor-chefe dos
Estudos de Literatura

Bethânia Mariani
Editora-chefe dos
Estudos de Linguagem

José Luis Jobim
Wail S. Hassan
Editores convidados

Disponibilidade de dados e material:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Uberto Motta, professor de literatura italiana na universidade de Friburgo (Suíça), é responsável pela organização de *Una corsa all'avventura: Saggi scelti* (1932-1989), uma antologia de 26 ensaios escritos por Gianfranco Contini (1912-1990) entre 1932 e 1989. O volume, de 587 páginas, composto por uma rica introdução e pelas referências bibliográficas relativas à ampla fortuna crítica de Contini, abarca o inteiro arco da trajetória do crítico, o qual, segundo Alberto Asor Rosa (2000, p. 14), propôs a mais inteligente e amadurecida chave interpretativa da literatura italiana do século XX. Os 26 ensaios, ordenados de forma cronológica, atestam a amplitude do trabalho do filólogo, direcionado à análise da obra de, entre outros, Dante, Petrarca, Ariosto, Leopardi, Manzoni, De Sanctis, Pascoli, Croce, Longhi, Montale, Gadda, Ungaretti, Pasolini, Antonio Pizzuto e Raffaele Mattioli.

Recebido: 21/02/2025
Aprovado: 19/05/2025

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: raphaelsalomao@hotmail.com

Como citar:

KHEDE, Raphael Salomão. Una Corsa All'avventura: o percurso intelectual de Gianfranco Contini. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 67, e66351, maio.-ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i67.66351.pt>

Motta, na introdução, aponta para o fato de que a antologia pretende ilustrar não somente a impressionante riqueza dos argumentos abordados por Contini, mas também a dificuldade de sua escrita, já que o crítico se colocava como um escritor, conforme afirma o próprio Contini (na longa entrevista intitulada *Diligenza e voluttà*, de 1989): “não se pode ser um crítico literário, se não se for um bom escritor” (Contini, 2023b, p. 14). Segundo Motta, o estilo de Contini se caracteriza, desde os primeiros ensaios, escritos aos 18 anos, por elipses “radicais”, tecnicismos, estrangeirismos, latinismos, termos das ciências exatas, da filosofia clássica e moderna, da Medicina e do Direito, utilizados em sentido próprio ou metafórico. De um lado, o culto à precisão, “o escrúpulo filológico”, e do outro, a curiosidade e o “entusiasmo pela curiosidade”: o binômio precisão e entusiasmo (exatidão e curiosidade) constitui, segundo Motta, o vetor principal da práxis continiana.

Gianfranco Contini, nascido em Domodossola (Piemonte), se formou na Universidade de Pavia em filologia românica, com uma tese sobre a obra de Bonvesin de la Riva (1240-1315). Aperfeiçoou, em seguida, seus estudos filológicos sob a orientação de Santorre Debenedetti (1878-1948) em Turim, cidade na qual entrou em contato com o grupo fundador da importante editora Einaudi. Após um breve período de pesquisa em Paris em *l'École des Hautes Études* e o retorno à Itália, obteve o cargo de professor de italiano num liceu clássico, em Perugia, em 1934. A partir de 1937 tornou-se membro do centro de filologia italiana da *Accademia della Crusca* em Florença e, no mesmo ano, foi nomeado professor de língua e literatura francesa na Universidade de Pisa. Em 1938, aos 26 anos, assumiu a cátedra de Bruno Migliorini como professor de filologia românica na Universidade de Friburgo, na qual atuou até 1952, ano no qual passou para a Universidade de Florença e, em seguida (1975), para *La Scuola Normale* de Pisa. O filólogo – conforme destaca Motta –, além de ter recebido a *lâurea honoris causa* em Oxford, em 1965, foi também membro da *Accademia dei Lincei*, em Roma.

Em 1939, Contini publicou, pela editora Einaudi, a edição das *Rime*, de Dante (com introdução, comentário e notas explicativas) e, em 1951, o ensaio *Preliminari sulla lingua del Petrarca*, texto ainda hoje fundamental para análise da linguagem do *Canzoniere*. O filólogo, responsável por atribuir e publicar o texto crítico de dois poemas de Dante, *Fiore* e *Detto d'amore*, reuniu seus ensaios sobre o grande poeta medieval, publicados entre 1937 e 1984, em *Un'idea di Dante*. Na introdução a *Una corsa all'avventura*, Motta aponta para a complexidade da relação de Contini com a figura principal do contexto cultural italiano daquele período, Benedetto Croce (1866-1952). Esse ponto, também colocado em destaque por Roberto Antonelli (2000) e Guido Lucchini (2013), constitui o tema de um dos ensaios reunidos no livro de Motta (*L'influenza culturale di Benedetto Croce*, escrito em 1951, mas publicado somente em 1966), no qual Contini “faz as contas” com o ilustre filósofo:

Contini, certamente professor, mas também crítico militante e, sobretudo, linguista e filólogo, *Wortforscher*, “cientista da palavra”, compreende o sentido profundo, no bem e no mal, da operação crociana e parte dali. A sua primeira coletânea será *Esercizi di lettura*, colocando-se desde o título no plano da demonstração fundada na pesquisa linguístico-estilística e não no plano da asserção: “mesmo um resultado abstratamente igual detém uma dose maior de certeza quando obtido através de uma evidência estilística experimental ao invés de procedimentos psicologistas”. A cientificidade das próprias ciências naturais e, portanto, *a fortiori*, daquelas do espírito, comporta, de fato, sempre uma intervenção do sujeito e, portanto, uma relação entre “subjetividade” e “objetividade” de variada e não previsível natureza. O problema é, portanto, científico, mas também e fundamentalmente, histórico (então político, já que toda história é política, não somente em termos crocianos) (Antonelli, 2000, p. 75-76, tradução minha)¹.

De fato, conforme indica Motta (2023, p. 59), “caracterizar um texto literário, determinando seu motivo sentimental (ou tipo psicológico) fundamental”, era, para Croce, dever do crítico, “chamado a medir a qualidade ou pureza do resultado”, “no plano expressivo, em termos de poesia e não poesia”. Contini, segundo Motta, partiu próprio dos nós “não resolvidos” na estética de Croce, para dar um novo significado à crítica literária, ao relacionar a crítica textual com a estilística de Vossler e Spitzer, e com a linguística histórica e estruturalista (Sausurre, Jakobson, Trubetzkoy). O ato crítico, nesse sentido, de “intuitivo” se torna “demonstrativo”, já que Contini estaria preocupado mais com a “materialidade, expressiva e estilística antes que sentimental, dos textos” (Motta, 2023, p. 60).

A importância dos aportes de Contini para os estudos de literatura italiana do século XX está relacionada incontestavelmente à originalidade de seu método no campo da crítica das variantes. Seu objetivo foi analisar o trabalho que o próprio autor faz em seu texto em redações diferentes ou numa mesma redação através de correções: o crítico extrai daí uma possibilidade exegética. Para Cesare Segre, as variantes de autor nos informam sobre as escolhas linguísticas dos autores, naqueles casos nos quais foram conservadas as correções ou as redações sucessivas, manuscritas ou impressas. Nesse campo, a crítica italiana dos anos 1940, quando ainda não se falava em estruturalismo na Itália, se destacou com refinados aportes metodológicos, sobretudo de Giuseppe De Robertis (1888-1963), Santorre Debenedetti e Contini, representando uma das contribuições mais significativas da escola filológica italiana para os estudos literários no século XX. Trata-se da reconstrução da “dimensão dinâmica” do texto, visto que o estudo crítico das variantes (“*variantistica*”, em italiano) não considera a obra literária como resultado *ne varietur*, e sim como trabalho *in fieri*, do qual o crítico se aproximará através de uma experiência de íntima aderência à escrita no seu progressivo, mutável desabrochar. Além de explorar a “oficina do autor”, devem ser observados os modos através dos quais essa oficina é reorganizada e muda com o passar do tempo. Nesse sentido, são preciosos não somente os autógrafos, mas também os testemunhos de diversas edições da mesma obra, a presença de versões provisórias, esboços, rascunhos e apontamentos

¹ Contini, certamente professore ma anch'egli critico militante e innanzitutto linguista e filologo, *Wortforscher*, 'scienziato della parola', comprende il senso profondo, nel bene e nel male, dell'operazione crociana e riparte da lì. La sua prima raccolta sarà di *Esercizi di lettura*, ponendosi perciò sin dal titolo sul piano della dimostrazione fondata sull'indagine linguistico-stilistica e non dell'asserzione: 'Anche un risultato astrattamente uguale detiene ben altra dose di certezza quando sia ottenuto attraverso un'evidenza stilistica sperimentale anziché mediante procedimenti psicologistici'. La scientificità delle stesse scienze naturali e quindi, *a fortiori*, di quelle dello spirito, comporta peraltro sempre un intervento del soggetto e quindi una relazione fra 'oggettività' e 'soggettività' di varia e non predefinibile natura. Il problema è dunque scientifico ma anche, e fondamentalmente, storico (e quindi politico, poiché ogni storia è politica, a norma non solo crociana)".

preparatórios (Conte; Mirabile, 2014, p. 1508). No ensaio *Critique des variantes e critique génétique*, publicado em 1995, Cesare Segre propõe a distinção entre a “critique génétique” francesa e a crítica das variantes italiana: a primeira se concentraria, sobretudo, segundo ele, nos conteúdos textuais, ou “macro-variantes” (colhidas na sua progressiva elaboração); a segunda, nas “micro-variantes” e nas suas sistematizações estruturais (Segre, 2014, p. 653)².

Segundo Segre, a originalidade do trabalho de Contini se deve ao fato de ele ter se baseado na pesquisa das “direções principais da correção” do autor, da natureza de “sistema” que assume o conjunto das formas negadas ou acolhidas pelo autor, da existência de “leis de correção”, “mesmo que não coercitivas”. Contini considerava o texto como um ato e não como um fato, em seu trabalho pioneiro, *Come lavorava l'Ariosto* (1937): há, segundo ele, essencialmente, dois modos de se interpretar uma obra de poesia: um, por assim dizer, “estático”, que busca um resultado, uma “descrição caracterizadora”; outro, “dinâmico”, que enxerga a obra como um trabalho *in fieri* e tende a representar dramaticamente essa “vida dialética” da obra. O primeiro modo considera a obra um “valor”, o segundo, uma “perene aproximação ao valor”. Esse segundo modo, segundo Contini, é pedagógico, justamente porque apresenta elementos históricos (comprovados historicamente), enquanto o primeiro método revela “mitos da representação dialética” (Contini, 2023a, p. 137) [A tradução é minha]³.

Come lavorava l'Ariosto, conforme reconstruiu Motta, surgiu como uma resenha à publicação (sob a responsabilidade de Santorre Debenedetti) dos fragmentos autógrafos do *Orlando furioso*, de Ludovico Ariosto (1474-1533). Debenedetti realizou a edição crítica de materiais autógrafos de Ariosto relativos à gênese dos quatro novos episódios inseridos pelo autor no poema, entre a segunda (1521) e a terceira edição (1532). Contini, que (como já foi lembrado), havia sido aluno de Debenedetti, colheu através do material de Ariosto recém-publicado as “constantes da pesquisa” do poeta renascentista, as linhas e os objetivos de suas correções (Motta, 2023, p. 135). Em *Saggio d'un commento alle correzioni del Petrarca volgare* (1943), então, o filólogo aprofunda suas considerações a respeito da crítica das variantes ao propor que a filologia se abrisse ao estudo da gênese da obra e de seu “caminho contínuo”, para poder colher nas variantes de autor os traços do “complexo mundo cultural e espiritual do escritor sempre em movimento” (Motta, 2023, p. 95). O terceiro artigo fundamental de Contini no campo da crítica das variantes (também reunido em *Una corsa all'avventura*) é *Implicazioni leopardiane* (1947), no qual o filólogo, ao dialogar com Debenedetti, Croce, Michele Barbi, Giorgio Pasquali e Paul Valéry (que havia conhecido pessoalmente em Paris, em março de 1936), definiu, no plano teórico e metodológico, o “valor heurístico das correções de autor” (Motta, 2023, p. 226). Motta indica como a assimilação da linguística estrutural foi fundamental para que Contini elaborasse seu estudo das variantes compositivas:

² Les termes utilisés par les deux écoles reflètent des différences réelles dans leur objet, même si la distinction parfois s'estompe, et s'il existe des interférences entre les deux domaines. Pour accentuer ces différences afin de les définir plus efficacement, j'avancerai cette affirmation: la critique génétique privilégie les transformations de contenus, notamment dans les cas où l'on peut suivre l'oeuvre de l'écrivain à travers des phases successives nettement distinctes dans leur globalité, ou même à travers des mouvements d'élaboration macroscopiques; la critique des variantes étudie d'habitude les variantes apportées à un texte au cours de sa rédaction ainsi que les retouches visant à améliorer le texte achevé”.

²³ Vi sono essenzialmente due modi di considerare un'opera di poesia: vi è un modo, per dir così, statico, che vi ragiona attorno come su un oggetto o risultato, e in definitiva riesce a una descrizione caratterizzante; e vi è un modo dinamico, che la vede quale opera umana o lavoro *in fieri*, e tende a rappresentarne dramaticamente la vita dialettica. Il primo stima l'opera poetica un 'valore'; il secondo, una perenne approssimazione al 'valore'; e potrebbe definirsi, rispetto a quel primo e assoluto, un modo, in senso altissimo, 'pedagogico'. È a questa considerazione pedagogica dell'arte che spetta l'interesse delle redazioni successive e delle varianti d'autore (come, certo, dei pentimenti e dei rifacimenti d'un pittore), in quanto esse sostituiscono ai miti della rappresentazione dialettica degli elementi storici più letterali, documentariamente accertati”.

Contini parte da ideia de texto poético como perene aproximação a um valor expressivo ideal, e chega, estudando o caso de *A Silvia*, ao qual foi involuntariamente convidado por De Robertis, e por efeito do legado de Saussure, a demonstrar que abaixo da fluidez do devir que as escritas documentam se esconde uma lógica, uma estrutura ou gramática profunda, a qual evolui, segundo leis próprias, com os hábitos estilísticos e culturais do autor. Ela é definida, organizada e compensada a cada intervenção, cujas repercussões, além de locais, são sempre sistemáticas, a ponto de envolver o conjunto ao qual cada peça pertence: e nessa perspectiva o uso dos termos *implicação* e *correção* como sinônimos, o primeiro corrigindo e dando precisão ao segundo, tinha um sentido de programa, sintoma tangível da rede dentro da qual somente, segundo Contini, cada intervenção revela seu pleno significado (Motta, 2023, p. 226, tradução minha)⁴.

Em *Implicazioni leopardiane*, portanto, Contini analisa como as correções (chamadas de “*spostamenti*”, “deslocamentos”) em *A Silvia*, de Giacomo Leopardi (1798-1837), representam “deslocamentos” no sistema linguístico completo do volume dos *Canti*, no qual o poema está inserido:

De fato, toda correção está implicada com outras coisas, e essas “implicações”, conduzindo a variações ou realizando uma “substituição no sistema”, movimentos e compensações dentro de seus “equilíbrios”, são praticamente de três tipos: em lugares próximos ou longínquos na mesma composição; em trechos de outros poemas (apesar da natureza não propriamente de “cancioneiro” da obra leopardiana); na cultura linguística imanente à consciência do autor. E os três tipos, vale lembrar, se entrelaçam e conectam entre si. (Mengaldo, 2021 [2001], p. 46, tradução minha)⁵.

É nesse sentido que, segundo Anna Dolfi, o ensaio *Implicazioni leopardiane* confirma a atenção aguda de Contini, em oposição a Croce, por tudo aquilo que é objetivo no processo criativo: não somente a “criação idealisticamente entendida”, mas o “criado incluído neste processo”, o “fazer-se” – quando documentado – da escrita (Dolfi, 2011, p. 194-195).

Referências

ANTONELLI, Roberto. La doppia curiosità della critica moderna. In: ASOR ROSA, Alberto (org.). *Letteratura italiana del Novecento*. Bilancio di un secolo. Turim: Einaudi, 2000. p. 66-86.

ASOR ROSA, Alberto. I fondamenti epistemologici della letteratura italiana del Novecento. In: ASOR ROSA, Alberto (org.). *Letteratura italiana del Novecento*. Bilancio di un secolo. Turim: Einaudi, 2000. p. 5-33.

CONTE, Alberto; MIRABILE, Andrea. Notizie sui testi. In: SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Milão: Mondadori, 2014. p. 1487-1536.

CONTINI, Gianfranco. Come lavorava l'Ariosto. In: CONTINI, Gianfranco. *Una corsa all'avventura: Saggi scelti (1932-1989)*. Organização de Uberto Motta. Roma: Carocci, 2023a [1937]. p. 133-145.

⁴Contini parte con l'idea del testo poetico come perenne approssimazione a un valore espressivo locale, e arriva, studiando il caso di *A Silvia*, a cui è involontariamente invitato da De Robertis, e per effetto della lezione di Saussure, a dimostrare che sotto la fluidità del divenire che le scritture documentano si cela una logica, una scrittura o grammatica profonda, la quale pur evolve, secondo leggi proprie, con le abitudini stilistiche e culturali dell'autore. Essa si definisce, si assesta e si compensa a ogni intervento, le cui ripercussioni, oltre che locali, sono sempre sistematiche, tali da coinvolgere l'insieme a cui ogni tessera appartiene: e in quest'ottica l'uso dei termini *implicazione* e *correzione* come sinonimi, il primo a correggere e precisare il secondo, aveva valore programmatico, spia tangibile della rete di connessioni dentro la quale soltanto, secondo Contini, i singoli interventi rivelano il loro pieno significato”.

⁵Di fatto ogni correzione è implicata con altro, e queste ‘implicazioni’, che conducano a variazioni o realizzino uno ‘scambio nel sistema’, movimenti e compensi entro i suoi ‘equilibri’, sono sostanzialmente di tre tipi: con passi vicini o lontani del medesimo componimento; con luoghi di altri componimenti (nonostante la natura non proprio di ‘cancioneiro’ dell’opera leopardiana); con la cultura linguistica immanente alla coscienza dell'autore. E i tre tipi, beninteso, si intricano e connettono fra loro”.

CONTINI, Gianfranco. *Una corsa all'avventura: Saggi scelti (1932-1989)*. Organização de Uberto Motta. Roma: Carocci, 2023b [1937].

DOLFI, Anna. Varianti dinamiche e sistema di compenso: il caso Leopardi. In: MEROLA, Nicola. *Gianfranco Contini vent'anni dopo. Il romanista, il contemporaneista*. Pisa: Edizioni ETS, 2011. p. 193-207.

LUCCHINI, Guido. Croce in Contini: alle origini della critica stilistica. In: LUCCHINI, Guido. *Studi su Gianfranco Contini: "fra laboratorio e letteratura"*. Pisa: Edizioni ETS, 2013. p. 11-55.

MENGALDO, Pier Vincenzo. *Prima lezione di stilistica*. Bari: Laterza, 2021 [2001].

MOTTA, Uberto. Introduzione. In: CONTINI, Gianfranco. *Una corsa all'avventura: Saggi scelti (1932-1989)*. Organização de Uberto Motta. Roma: Carocci, 2023. p. 21-95.

SEGRE, Cesare. Critique des variantes et critique génétique. In: SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014. p. 651-673.